

**VALOR – Terça feira 27 de setembro de 2011, p. D10**

## **"Canibais" insistem em não usar todos os talheres dos civilizados**

Por José Eli da Veiga | Para o Valor, de São Paulo

### **"Sustentabilidade - Canibais com Garfo e Faca"**

John Elkington. Trad. de Laura Prades Veiga. M.Books. 488 págs., R\$ 89,00

Ampliar imagem



*Elkington previu e aconteceu: vistas grossas para a justiça social*

O pioneirismo de John Elkington como guru das empresas que mais cedo assumiram suas responsabilidades ecológicas logo o fez concluir que seu papel se assemelhava ao de ensinar canibais a usar talheres. Mais: que obtinha ótimos resultados, malgrado uma recorrente aversão dos discípulos pela colher.

A ideia de olhar para as corporações como entidades canibais poderia ter sido sugerida pela frequência com que devoram concorrentes. A inspiração dessa analogia, porém, veio de acontecimento bem menos comum. Em 1996, quase dez anos depois da adoção internacional do desenvolvimento sustentável como um dos principais valores da humanidade, e quatro anos depois dos compromissos assumidos na Conferência do Rio pelo WBCSD (World Business Council for Sustainable Development), o autor encontrou na influente revista "Fortune" (15/05/1996, pág. 26) um artigo em defesa da ganância como o supremo valor da atividade empresarial. O que o fez lembrar de uma "boutade" do poeta polonês Stanislaw Lec: "Seria progresso se um canibal utilizasse um garfo?"

Nascia assim a pergunta que serviu de gancho para o best-seller lançado um ano depois: será que os canibais corporativos avessos à assimilação desse novo valor que é a sustentabilidade viriam a adotar utensílios mais civilizados e dietas socioambientais menos nocivas?

Para perceber que a resposta a essa pergunta é basicamente positiva, basta que se consulte seu "prefácio para a edição brasileira 2012", no qual os avanços ocorridos nesses 15 anos estão destacados com a ajuda de 21 links web que poderão ser muito úteis aos que já leram alguma das edições em inglês. É, com certeza, o caso da maior parte dos executivos das empresas brasileiras que pertencem ao Cebds ou ao Ethos.

Talvez eles nem saibam que o livro entrou na lista de 50 melhores organizada, em 2008, por Wayne Visser, para o programa de liderança em sustentabilidade da Universidade de Cambridge. Visser, administrador com mestrado em ecologia humana, dirige o think-tank de responsabilidade socioambiental "CSR International". Uma tradução do livro de Visser sobre essas 50 obras-primas sairá em breve pelo Instituto Jatobás.

Há, contudo, um sério problema. A resposta à pergunta-gancho de Elkington é basicamente positiva, mas não inteiramente. Isso, porque os canibais se recusam a usar um dos três talheres, ou um dos pés da "triple bottom line", expressão que se mostrou extremamente pedagógica para convencer empresas de que devem acrescentar a qualidade ambiental e a justiça social ao seu objetivo precípua, a lucratividade - um já célebre slogan que, em inglês, pôde ser sintetizado por um trio de palavras que começam com a letra "p": "profit-planet-people".

Isso deu origem no Brasil à expressão "teoria dos três pilares", um pouco esquisita, já que o livro nada tem de teórico. Não menos estranha é a analogia feita pelo próprio autor com os três dentes de um garfo, pois o mais frequente é que esse talher tenha quatro. Tridente é aquela arma branca de infantaria muito usada na antiguidade. Também não é muito rigoroso achar que a sustentabilidade só se apoie em três pilares. Pois, além de não incluir as dimensões políticas, territoriais, culturais, psicológicas etc., visão tão redutiva é forte estímulo a que permaneçam separados no cérebro fenômenos que são absolutamente inseparáveis na realidade.

Se uma empresa se concentrar em apenas dois dentes, obtendo alta rentabilidade com escrupuloso respeito ao ambiente, poderia ser considerada 2/3 sustentável? Será possível dizer algo assim sobre uma empresa que não se empenha em reduzir as tantas desigualdades sociais que diuturnamente ajuda a reproduzir?

Curiosamente, não é outra coisa o que vem ocorrendo nos 15 anos que se passaram desde a primeira edição desse clássico de John Elkington. Mais intrigante ainda é notar que ele previu direitinho o contraste entre a facilidade com que as corporações se adaptariam às pressões relativas ao segundo "pê" - "planet" - e a resistência que ofereceriam em relação ao terceiro, "people". O livro repete em quase todos os capítulos o que já aparece bem estampado no segundo parágrafo do primeiro capítulo: "Cada vez mais, estamos pensando em termos de 'três pilares', com enfoque na prosperidade econômica, na qualidade ambiental e no elemento ao qual as empresas tendem a fazer vistas grossas, a justiça social" (pág. 33).

O pior é que essa deficiência não é apenas das empresas, como comprovam as principais iniciativas políticas para influenciar a cúpula global sobre desenvolvimento sustentável convocada pela ONU, mais conhecida pelo estigma de "Rio+20". O que há de comum nas propostas de "green New Deal", "green economy" e "green growth" é justamente a relutância em assumir compromisso com um firme combate às desigualdades internacionais e sociais, requisito da profunda mudança dos padrões de consumo, sem a qual a sustentabilidade será reles quimera.

Não se trata aqui do histórico compromisso ético com a igualdade ou justiça social, mas de uma crucial novidade: por razões eminentemente práticas, é impossível separar a responsabilidade ambiental da responsabilidade social.

Essa afirmação não se apoiava em evidências empíricas muito robustas até 2009, quando a Bloomsbury Press lançou um livro tão esclarecedor que a tradução já

deveria estar em todas as bibliotecas do Brasil: "The Spirit Level: Why Greater Equality Makes Societies Stronger", acompanhado do website [www.equalitytrust.org.uk](http://www.equalitytrust.org.uk).

Esse livro, que instigou André Lara Resende a reexaminar a relação entre desigualdade e bem-estar no **Valor** de 28/01/2011, demonstra, por exemplo, que as sociedades com desenvolvimento humano menos desigual são exatamente as que têm as mais enxutas jornadas de trabalho, as que mais reciclam e as que mais ajudam os países pobres.

No entanto, o enfrentamento da questão das desigualdades permanece o maior tabu, provavelmente devido ao trauma causado por revoluções do século passado cujos decorrentes regimes sacrificaram a liberdade e a democracia no altar da igualdade. Se essa hipótese se confirmar, talvez demore demais para que as elites empresariais e políticas admitam a absoluta interdependência dos três talheres e deixem de usar só garfo e faca. O que é assustador, pois, como alertou o jornal "Financial Times", "ignorar alguma parte da 'triple bottom line' de John Elkington é um convite ao desastre".

José Eli da Veiga, autor de "Sustentabilidade - A Legitimação de um Novo Valor" (Senac), é professor da pós-graduação do Instituto de Relações Internacionais da USP (IRI/USP) e do mestrado profissional em sustentabilidade do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ). Página web: [www.zeeli.pro.br](http://www.zeeli.pro.br)